

ÁGAPE, AMAR PARA ALÉM DE NÓS MESMOS: UMA REFLEXÃO EM MATURANA E XIMENA

Adriano França

Resumo

Amar é ter um pássaro pousado no dedo, quem tem um pássaro pousado no dedo, sabe que a qualquer momento ele pode voar, assim sabiamente escreveu o poeta Mário Quintana, e de fato amar pressupõe uma entrega total, absoluta, gratuita, sem barganha ou moeda de troca. O ser humano vive o desespero de querer encontrar no outro as respostas para sua intrínseca solidão, e faz do outro, muitas vezes, bengala de apoio e tábua de salvação para suas inseguranças. Perdemos o caminho do amar, esquecemos o que é amar, em meio a tantos clichês e tantas máscaras sociais que esvaziam em si o sentido do amar.

Conforme Maturana e Ximena (2009), o amar não é bom nem mau, simplesmente é o viver no bem-estar trazido pelo viver sem o sofrimento que traz o apego ao valor ou ao sentido que se vê no perdido ou no que se pode perder. Na era da pós-modernidade nos perdemos nos caminhos e muitas vezes não sabemos mais identificar nosso bem querer, a arte de conviver, de se perceber como alguém capaz de amar e ser amado, de nos aproximarmos do outro se nenhum tipo de interesse ou pré-julgamento. Onde está o meu próximo?

O meu próximo é aquele que eu escolho me aproximar, e se essa é minha escolha talvez seja também essa uma forma de aprender a pôr em prática a

ágape, o amor que devora, que está em algum lugar de nosso interior perdida ansiando por ser encontrada. E para que isso aconteça é preciso deixar os sentimentos obrigados e aprender mais sobre gratidão, encontrar sentido na ágape mesmo estando sob o jugo desta realidade que distorce o ato de ser generoso e mercantiliza o amar (amar de verbo, ação, de fazer), aprendendo a ser generoso em todas as nossas formas de amares, porque não existe amor certo ou errado.

Cada pessoa é um universo, e quando dois universos se encontram, galáxias, estrelas e planetas se convergem e se multiplicam, ao mesmo tempo que se chocam, colidem e se destroem para se reconstruírem, juntos ou separadamente. Por vezes, perdemos muito tempo querendo caber no universo do outro ou fazer com que caibam em nosso universo, nos nossos sonhos, na nossa caixinha ideal de como o mundo seria se tivéssemos o controle de tudo. E, por conseguinte, magoamos, nos frustramos e consequentemente odiamos quem antes jurávamos amor ou amizade. Temos medo de conviver, com-viver com o outro nos assusta e nos leva a caminhos tortuosos e vazios de superficialidades e de sentimentos efêmeros.

O fato é que todos somos em parte, réus e juízes das nossas próprias escolhas, e ficar aprisionado a esses sentimentos que nos diminuem ou nos fazem pessoas amargas e tristes e em nada contribui para nosso crescimento e amadurecimento emocional. Não podemos transformar em vilão qualquer um que não pode preencher nossas expectativas, ou decidiu não fazer parte dos nossos sonhos, e vice-versa.

A vida se tece de pequenos e íntimos retalhos de lembranças, momentos e vivências. Em algum momento você foi o universo de alguém, conviveu com esta pessoa, conspirou com ela, mas não podemos insistir em reproduzir o que é espontâneo, felicidade ensaiada cheira a flores de plástico, sintética e morta. Temos que parar de criar culpados ou nos sentirmos culpados pela infelicidade e as auguras que a vida nos impõe. Por mais difícil que seja, é preciso aceitar que, aquela pessoa que te deixou, aquele amor, aquele querido amigo, aquela companhia que trazia luz para seus dias, não é um ser

humano horrível só porque decidiu não fazer mais parte da sua vida. O amor implica gratuidade, espontaneidade.

Não podemos relativizar a dor e o sofrimento, tão pouco negar que é preciso passar pelo luto da perda e ressignificar sentimentos com os quais muitas vezes não sabemos lidar. Quando decidimos conviver com o outros estamos sujeitos a isto. Todavia, não podemos nos quedar esperando eternamente por alguém que caiba no nosso mundo. Na música "En el muelle de San Blás", da banda mexicana Maná, a pobre mulher fica esperando a vida toda por seu amor que partiu no mar e nunca mais retornou, quantas vezes não vivemos como essa mulher, enlouquecida, sozinha no esquecimento, apenas esperando, esperando e esperando, enquanto o tempo se escorre e nossos olhos se enchem de amanheceres e pores de sol.

Já o livro infantil chamado "A parte que me falta", da escritora e poeta Shel Silverstein, conta a história de uma forma circular com um espaço triangular rolava procurando a parte que lhe faltava, e enquanto rolava, cantava "oh busco a parte que falta em mim, ai, ai, oh, a parte que falta em mim", e nessa busca, sentia o vento, o sol, a chuva, conversava com uma minhoca e observava a borboleta.

No caminho encontrou partes, umas pontudas, outras maiores, menores e que não se encaixavam, até que um dia finalmente encontrou a parte que lhe faltava, porém, ao encontrar esta parte, rolou tão rápido que não conseguia mais sentir o aroma das flores, conversar com a minhoca, tão pouco cantarolar, quando percebeu isso pensou "ah então é assim" e parou de rolar, com cuidado pôs a parte no chão e rolou devagar para longe e enquanto rolava com uma voz suave cantava: " Oh busco a parte que falta em mim, a parte que falta em mim, ai, ai, oh assim eu vou..."

Esta história infantil contém um precioso e inegável ensinamento, de que talvez não nos cabe encontrar alguém que caiba dentro do nosso universo, mas sim, transitar por universos de outras pessoas, e nesta caminhada poder crescer, misturar-se, expandir-se, colidir-se e por fim seguir em busca da parte que nos falta, e secretamente penso que essa parte nunca poderá ser

preenchida, pois é justamente a ausência dela que nos impulsiona a alçar novos voos e percorrer outros caminhos.

O amar é única emoção que expande o olhar em todas as dimensões relacionais e amplia o ver, o ouvir, o tocar. De fato, como o amar consiste precisamente no abandono das certezas, das expectativas, das exigências, dos juízos, dos preconceitos, é a emoção que consiste na realização do caminho, do desapego em todas as dimensões do viver, como um resultado espontâneo de seu mero ocorrer na aceitação unidirecional da legitimidade de tudo no viver, inclusive na rejeição do que não se quer que aconteça (MATURANA e XIMENA, 2009)

Que possamos compreender que o caminhar, o buscar é muito mais importante que encontrar quem nos complete. Desesperadamente ansiamos por conviver, porém nos esquecemos de como se faz isso, quereremos querer, mas nosso querer está imbricado num emaranhado de tantos vícios e futilidades que muitas vezes não sabemos distinguir o que é amar. Conforme sugere Maturana e Ximena (2009), para viver a Biologia do amar implica sair da cultura patriarcal-matriarcal que a nega.

Maturana Romesín, Humberto; Dávila Yáñez, Ximena, *Habitar humano em seis ensaios de biologia-cultural/tradução de Edson Araújo Cabral*- São Paulo: Pallas Athena, 2009 Capítulo II Biologia do Tao ou o Caminho do Amar (p.83-86)

adriano.franca@unoesc.edu.br